



À procura da verdadeira mãe

FOTOS NIRLEY SENA

SUZANA FONSECA
DA REDAÇÃO

Mãe e filha ocupavam um quarto no Hospital Augusto de Oliveira Camargo, em Indaiatuba, interior de São Paulo. Laura Vita Galvão, de 53 anos, havia sido internada, em estado grave, com sangramento gastrointestinal, ocasionado por uma cirrose hepática. Aflita, deitada no leito, a mãe olhava para a filha, Alessandra Galvão dos Santos, de 24 anos. Parecia pressentir que iria morrer. "Preciso te contar uma coisa".

"Depois que você melhorar, em casa, você me conta", disse Alessandra. "Não, tem que ser agora", respondeu a mãe. Era domingo, 29 de agosto de 2004. O sol fraco da tarde já começava a se pôr no horizonte. "Eu não sou sua mãe. Eu te roubei", confessou Laura.

ESPERANÇA

Alessandra nos recebe na varanda de sua casa, em Indaiatuba. Nervosa, começa a contar sua história. Ela teria nascido em Vicente de Carvalho, em Guarujá, entre o final de janeiro e o dia 8 de fevereiro de 1980. "De repente, descobrir que era para eu ter tido uma outra vida, um outro futuro, uma outra oportunidade, isso que mexe mais comigo". Conforme sua certidão de nascimento, registrada em 23 de fevereiro de 1980, ela nasceu no dia 8 de fevereiro, em casa, em São Vicente.

Quase cinco anos depois da derradeira conversa com a mulher que chamara de mãe a vida inteira, Alessandra ainda não possui pistas de sua verdadeira família. E ainda sofre ao lembrar a convivência com Laura, uma pessoa agressiva e emocionalmente instável, que não poupava nem mesmo os filhos mais velhos - Aloísio, Andreia e Adriana. "Eu gostava dela, tanto que cuidei dela até o último dia de vida", afirma.

Desde os 5 anos morando em Indaiatuba, Alessandra não possui detalhes da história que Laura começou a contar no hospital e não teve tempo de termi-

nar. Conforme o que uma das filhas de Laura e um tio lhe contaram, ela teria sido sequestrada em um hospital, que ela não sabe dizer se é Ana Costa ou Ana Rosa - como não há hospital com o primeiro nome em Vicente de Carvalho, poderia ter sido do Ana Costa, já inaugurado nessa época.

A Tribuna entrou em contato com o Hospital Ana Costa, através de sua assessoria de imprensa. Conforme o órgão, foram consultados os arquivos e registros do hospital, mas nada que comprove o suposto sequestro foi encontrado.

"Meu pai não sabia. Fui eu que contei. Ele chorou muito. E falou: eu sou seu pai, se você não quer ser minha filha, o que eu posso fazer? Deu para perceber que, realmente, ele não sabia de nada".

DESCONFIANÇA

"Meus irmãos sabiam que eu não era filha dela. Se eu perguntasse alguma coisa para minha mãe, ela me matava. Algumas coisas ela me contou quando estava bêbada. Ela falava que queria que eu me danasse, porque eu não era filha dela mesmo. Mas eu achava que ela falava porque estava bêbada".

A desconfiança levou Alessandra, em 1997, a procurar a Delegacia de Pessoas Desaparecidas, em São Paulo. "Mas eles não me levaram a sério, pelo fato de eu ter falado que ela falava aquelas coisas quando estava alcoolizada".

No final de agosto de 2004, Laura foi internada. "Chegamos no hospital e ela teve umas três crises de hemorragia. Depois disso ela tinha da-



Amargura

“Tenho certeza de que se estivesse em meu verdadeiro lugar, muita coisa seria diferente na minha vida”

“Como mãe, eu me coloco no lugar dessa mãe (a verdadeira), o pavor, o desespero que ela sentiu”

Alessandra Galvão dos Santos

desde a morte de Laura Alessandra tenta descobrir sua verdadeira origem, juntando pedaços do que pode ter acontecido. “Eu conversei com meus irmãos, com meus parentes. Alguns nem imaginavam, falam para mim: isso é mentira. E outros falam: eu não sei o que aconteceu mas, de fato, você não é filha dela”.

De acordo com Alessandra, um irmão de Laura, que mora em Vinhedo, contou que a irmã queria sequestrar uma criança lá e ele não deixou. “Só que ela foi para a Baixada e a Lúcia, dona da casa em que ela morava em São Vicente, que era uma amiga antiga dela, foi quem a ajudou”.

A mãe de Laura, segundo Alessandra, antes dizia não saber de nada. “Mas, esta semana, ela falou: não sei como sua mãe conseguiu fazer isso, enganar teu pai desse jeito e ainda roubar você”.

Antes de ir embora, perguntou para Alessandra: “Se você encontrar sua verdadeira família, será a segunda chance que a vida vai te dar de ser feliz, não é?”. “Na realidade, acho que será a minha primeira chance na vida”.

do uma melhorada”, recorda-se Alessandra. “Foi na hora em que ela começou a querer me contar. Ela começou a falar: ‘eu preciso te falar uma coisa, mas eu não sei como’. Aí, ela falou: ‘olha, eu não sou sua mãe’”.

Conforme Alessandra, com dificuldade, Laura contou que a sequestrara na Baixada Santista. “Ela falou: ‘eu te roubei’ e, aí, não deu para perceber se foi num posto (de saúde) ou na maternidade, pelo estado em que ela estava, mas ela falou que tinha sido em Vicente de Carvalho”.

Após a revelação, o estado de saúde de Laura piorou e os médicos pediram que Alessandra saísse do quarto. “Depois de umas duas horas, ela começou a melhorar e tentou conversar comigo de novo. Eu dis-

se não, que só depois que chegasse em casa ela conversaria comigo”.

Contudo, essa conversa nunca terminou. “Nunca ninguém tinha se oferecido para dormir com ela no hospital. Naquele dia, uma conhecida minha se ofereceu. E eu aceitei, porque já fazia quatro dias que eu não dormia. Estava cansada e muito perturbada com o que ela falou. Quando eu saí de lá, ela já estava falando de novo e perguntou se eu iria voltar. É aquela famosa ‘melhora da morte’. Ela falou: ‘a conversa ainda não acabou’”.

Alessandra foi para casa. Por volta de 0h30 ligaram do hospital, avisando que Laura havia morrido.

RETALHOS

Qual uma colcha de retalhos,



Família morou na Baixada Santista até 1985

As primeiras lembranças que Alessandra tem da mãe, Laura, são de uma pessoa rígida, agressiva, que nunca a deixava sair de casa. Mas a severidade não era só com a filha mais nova. Aloísio (11 anos mais velho), Andreia (9) e Adriana (5) também sofriam nas mãos da mãe.

O pai, Odálio Enoque dos Santos, apesar de ser carinhoso com Alessandra (os três primeiros eram frutos de outro relacionamento de Laura), era motorista e vivia fora de casa, sempre viajando, e não presenciava o tratamento que era dispensado à filha. "Meu pai foi mais uma vítima na história. Era uma pessoa fácil de se enganar", conta Alessandra.

MUDANÇAS

Quando Alessandra nasceu, a família morava em São Vicente, na Rua Paula Arruda Pentead, no Parque São Vicente. Depois, mudou-se para Guarujá, no bairro Jardim Boa Esperança. Depois

Mudanças

5 anos

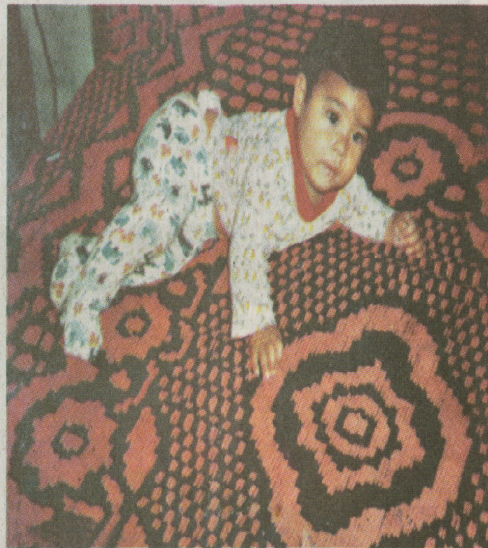
foi o tempo que a Alessandra morou entre São Vicente e Guarujá

de cinco anos, todos foram para Vinhedo, onde ficaram por cerca de dois meses, mudando-se novamente, dessa vez para Indaiatuba.

Em 1991, Laura começou a beber. Alessandra lembra que vivia sob as ameaças da mãe, que batia nela e a xingava. "Ela me ameaçava, dizia que se eu contasse para meu pai o que estava acontecendo, ela faria coisa pior comigo".

Em 1996, Laura passou a usar drogas e, ao saber disso, o pai de Alessandra foi embora. Nesse mesmo ano, Alessandra parou de estudar e a mãe tentou trocá-la por drogas. "Era um domingo, Dia das Mães".

Em maio de 1997, Laura ten-



Alessandra, na casa de São Vicente, com poucos meses de vida

tou novamente trocar a filha por drogas. Dessa vez, Alessandra não aguentou. "Saí de casa e fiquei na rua", recorda. "Ela era agressiva, ignorante e arrumava muita confusão. Então, ninguém queria me ajudar, pelo fato dela ser louca do jeito que era".

GRAVIDEZ

Após morar por um tempo com a irmã Andreia e um relacionamento que não deu certo, com a mãe já doente, Alessandra voltou para casa, aos 21 anos. Descobriu que estava grávida no quinto mês de gestação. "Era uma gravidez de alto



Laura teria sequestrado Alessandra

risco", conta Alessandra.

"Foi a única época em que ela (a mãe) realmente se preocupou comigo. Fez o que uma mãe deve fazer por um filho. Ela me ajudou, cuidou de mim, ajudou a montar as coisas para o meu filho", prossegue. "Antes disso, ela se preocupava mais com ela

e com o amor doentio que ela sentia pelo meu pai, do que cuidava dos filhos. Ela trabalhava, cuidava da casa. Mas carinho, atenção, isso ela não deu para filho nenhum".

Depois de ter o filho, Alessandra continuou a morar com Laura, cuja doença começava a piorar. "Nessa época, ela já estava bem debilitada, tinha muita hemorragia, já não conseguia andar, não sentia gosto da comida", lembra Alessandra.

"Eu dava banho nela, trocava, dava comida. Mas ela era tão ruim, a ruindade dela falava tão alto, que ela saía rastejando da cama e, se eu estivesse comendo, ela falava 'se eu não como, você também não come' e jogava minha comida no lixo", relata.

Em agosto de 2004, a saúde de Laura piorou. No dia 29, mãe e filha foram para o hospital. Foi quando Alessandra finalmente descobriu de que forma passara a fazer parte da família Galvão.



Disputa no PT

O PT de Guarujá, hoje nas mãos de Nelson Fernandes, tem alguns grupos internos que devem disputar o comando da legenda em novembro.

Bússola

Quem mostra disposição em assumir a liderança do PT é o grupo ligado ao vereador Luís Carlos Romazzini - um dos opositores da prefeita Maria Antonieta de Brito (PMDB). "O partido precisa ter um norte, apresentar uma alternativa para a Cidade", defende o parlamentar.



Cidadania

Neste sábado, a Praça 14 Bis, em Guarujá, será palco para o Dia da Cidadania promovido pela Igreja Batista Itapema, em comemoração aos 50 anos da entidade, com apoio da Prefeitura. O evento prestará serviços à comunidade das 9 às 17 horas. A Secretaria da Saúde do Município disponibiliza para a população, gratuitamente, avaliação nutricional, orientações de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs/Aids), distribuição de preservativos e informativos sobre a dengue. Serão realizados também aferição de pressão arterial, testes de glicemia, além de cortes de

cabelo e emissão de documentos, como carteira de trabalho.



Polícia estoura laboratório de drogas em VC

AMANDA BARBIERI

Uma casa em Vicente de Carvalho, Guarujá, abrigava uma espécie de laboratório de drogas, onde seriam preparados, embalados e distribuídos os entorpecentes para o comércio ilegal. Uma denúncia anônima levou a polícia até o local, onde foram detidos um menor e uma jovem de 19 anos.

Por volta das 18h30 de quinta-feira, os policiais Beto Lima e Da Luz, chefiados pelo encarregado Paulo Carvalhal e pela delegada Juliana Buck Gianini, receberam as denúncias, que informavam sobre uma residência na Rua Ernesto Martins, em Vicente de Carvalho, onde pessoas preparavam entorpecentes para o comércio.

Em seguida, a equipe foi até o local e montou breve campanha, para observar a movimentação.

Os investigadores viram, na varanda da casa, dois rapazes, que ao desconfiarem da presença



Ingrid Silva de Sousa, 19 anos

dos policiais fugiram para dentro do imóvel. Ao escutar barulho de telhas quebrando, os policiais correram para a lateral da casa, onde detiveram um menor. O outro rapaz, que estava com ele, escapou pulando os muros das residências próximas.

Cheiro

De volta à casa, acompanhados pelo adolescente, os policiais foram recebidos por Ingrid Silva de Sousa, de 19 anos, que apresentou-se como proprietária do imóvel.

REPRODUÇÃO

Enquanto ela pedia um mandado de busca para os investigadores, eles perceberam que exalava da residência um forte cheiro de droga e resolveram entrar. Ingrid tentou fugir, mas foi detida.

Em revista no imóvel, foram encontrados uma pistola calibre 380, uma balança de precisão, um caderno com a contabilidade do tráfico e 280 gramas de produtos utilizados para a mistura dos entorpecentes. Havia ainda 220 gramas de cocaína a granel, 42 papelotes e 26 flaconetes da mesma droga; 244 pedras de crack; um tijolo de maconha e 27 trouxinhas do entorpecente prontas para venda.

O documento de um rapaz de 19 anos também foi apreendido na residência. Segundo a polícia, seria de Fabiano Barata, citado na denúncia como um dos responsáveis pelo preparo dos entorpecentes. Ingrid e o menor foram detidos em flagrante por tráfico de drogas.